

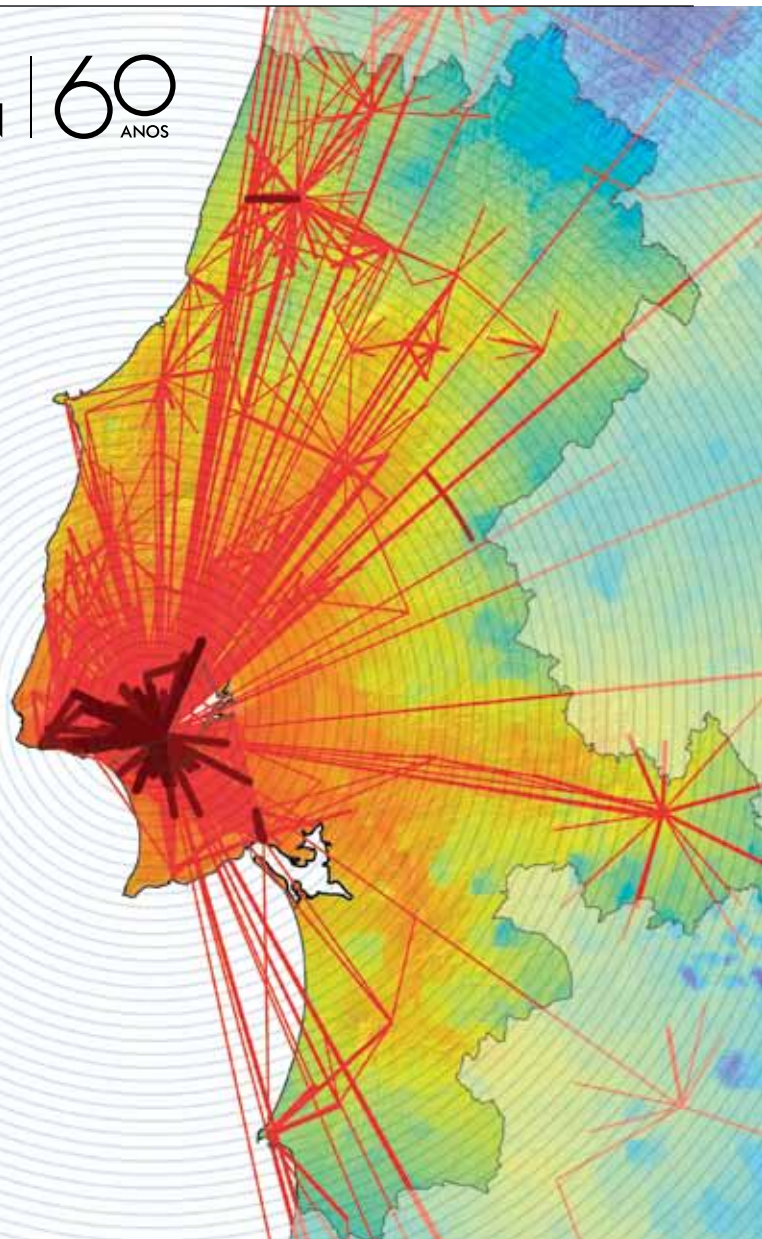
#174

Uma Metrópole para o Atlântico
Um museu, duas coleções Michael Friedman vence Prémio Fernando Gil Echolalia de Ana Torfs (Por) dentro de uma Mente Criativa



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS



março



MEETING POINT NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN © MCG

4

Um museu, duas coleções

A designação Museu Calouste Gulbenkian passará, a partir de junho deste ano, a ser usada para os dois espaços museológicos da Fundação Gulbenkian, os quais serão identificados pelas suas coleções: a do Fundador e a de Arte Moderna. O Conselho de Administração da Fundação quer, com esta decisão, promover um diálogo entre as duas coleções de forma mais articulada, mas também cruzar os públicos que as visitam.

6

Michael Friedman vence Prémio Fernando Gil

O júri do Prémio Internacional Fernando Gil ficou "particularmente impressionado pela profundidade e exatidão do conhecimento" do filósofo norte-americano Michael Friedman. O prémio, no valor de 75 mil euros, atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, será entregue no dia **4 de abril** numa cerimónia em que este professor da Universidade de Stanford falará sobre a filosofia da ciência entre a Europa e a América.

14

Uma Metrópole para o Atlântico

Depois do estudo intitulado Noroeste Global, a Iniciativa Gulbenkian Cidades desenvolveu uma nova perspetiva sobre o Arco Metropolitano de Lisboa. Os contributos deste estudo, que ajuda a um olhar mais informado e alargado sobre Portugal, foram apresentados no final do mês passado na Fundação Gulbenkian. O estudo traça um diagnóstico do potencial de ensino e de investigação desta macrorregião, bem como do seu empreendedorismo e capacidade empresarial para a internacionalização.



TXT, ENGINE OF WANDERING WORDS, 2013 (PORMENOR) © ANA TORFS

17

Echolia de Ana Torfs

A primeira exposição individual em Portugal da artista belga Ana Torfs abre ao público no dia **11 de março**, no espaço do Centro de Arte Moderna. A mostra reúne quatro instalações sob um ambíguo título: *Echolia*. O termo "echolia" refere-se à repetição de palavras (papaguear) das crianças quando aprendem a falar, mas descreve também uma condição médica que faz alguém repetir compulsivamente palavras e frases ditas por terceiros. Esta exposição é apresentada em colaboração com o WIELS, Contemporary Art Centre de Bruxelas.



© MÁRCIA LESSA

Índice

20

(Por) dentro de uma Mente Criativa

A partir de 18 de março, um ciclo de conferências e uma exposição vão dar a conhecer a forma particular e única de pensar de arquitetos portugueses consagrados e a riqueza do trabalho quotidiano nos seus ateliês, no longo percurso entre as primeiras ideias e a obra construída. Na primeira conferência, no dia 18, o convidado é o arquiteto Álvaro Siza Vieira.



© A RQUTIVO ÁLVARO SIZA

Notícias

- 4 Um museu, duas coleções
- 6 Michael Friedman
vence Prémio Fernando Gil
- 8 Ciência em Cena chega à final
- 9 Prémio Pulido Valente Ciência
para investigador do IGC
- 9 IGC com cinco bolsas Marie Curie
- 10 Descoberto sinal que controla
libertação de insulina
- 11 *Hack for Good*
- 12 Moçambique à frente
no ensino a distância
- 13 Ópera na Prisão
no Grande Auditório

Aconteceu

- 14 Uma Metrópole para o Atlântico
- 15 Dá Voz à Letra
- 16 Orquestra Gulbenkian
em Barcelona

Arte

- 17 *Echolalia*
- 20 (Por) dentro de uma
Mente Criativa
- 23 Obras do CAM em Barcelona
- 24 Exposições em Paris
- 26 35 Artistas

Música

- 28 *Play* – uma fantasia em drama

Para os mais novos (e não só)

- 30 Dia das abelhas

Leituras

- 32 Hein Semke

Ambientes

- 34 por Tiago Figueiredo

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#174 – MARÇO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA – CAPA DO LIVRO UMA METRÓPOLE PARA O ATLÂNTICO / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / WWW.GULBENKIAN.PT

Um museu, duas coleções

*A partir de junho deste ano, por altura das comemorações dos 60 anos da Fundação Gulbenkian, o Museu Calouste Gulbenkian e o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAM) vão assumir o rosto de uma mesma entidade – **Museu Calouste Gulbenkian** – passando a ser identificados pelas suas coleções: Museu Calouste Gulbenkian / Coleção do Fundador e Museu Calouste Gulbenkian/ Coleção Moderna*



CAM © PAULO COSTA

O objetivo é promover um diálogo entre as duas coleções: a do Museu Calouste Gulbenkian, que reflete o gosto de um notável colecionador, e a do CAM, iniciada após a sua morte e que resulta da ação da Fundação em nome do legado de Calouste Gulbenkian. Juntas oferecem uma longa panorâmica da produção artística, desde a antiguidade aos nossos dias.

A Fundação Calouste Gulbenkian sempre identificou a necessidade de articular, de forma mais eficaz, os seus dois núcleos museológicos, de modo a criar sinergias e a potenciar as virtualidades das duas coleções afirmando as suas diferenças, no que diz respeito à programação, mas também da comunicação externa, tentando cruzar os públicos que os frequen-

tam. A programação, nos últimos dois anos, de dois *Meeting Point*, em que se se confrontaram obras da Coleção do Fundador com obras da Coleção Moderna, significou um primeiro avanço neste sentido.

A decisão de criar uma direção única dos dois museus, assumida pela curadora e historiadora de arte britânica Penelope Curtis, que iniciou funções na Fundação em setembro do ano passado, foi mais um passo na concretização desta junção, que será complementada com um novo modelo de organização que integra equipas transversais aos dois museus. Pretende-se, assim, agregar os núcleos museológicos num único museu, com o nome do Fundador, valorizando as duas coleções por meio de uma atração cru-



MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN © CARLOS AZEVEDO

zada de públicos e procurando que sejam visitadas por um número cada vez maior de pessoas. Para o CAM significará uma maior afirmação da sua dimensão como museu, valorizando a mais completa coleção de Arte Moderna e Contemporânea construída desde a constituição da Fundação.

As duas coleções nunca deixarão de ser encaradas como coleções distintas – uma fechada, e outra aberta, em contínuo crescimento –, mas pretende-se, deste modo, estimular as pontes e a articulação entre ambas. Para tal, a nova diretora contará com uma equipa comum para gerir os dois espaços, e não equipas afetas exclusivamente a cada um deles como até agora sucedia. De acordo com Penelope Curtis, que foi responsável pela Tate Britain entre abril de 2010 e junho de 2015, uma designação comum permite equiparar os estatutos dos dois espaços, dando mais visibilidade à coleção moderna que se deseja mais afirmada internacionalmente. Com esta medida pretende-se encorajar o público do museu a visitar a coleção moderna, tornando-a mais conhecida e mais frequentada por visitantes estrangeiros.

Um primeiro exemplo deste diálogo será dado em maio com a apresentação inédita de um conjunto de tapetes Kumkapi (bairro em Istambul) do século XIX-XX, do Museu Gulbenkian, que será mostrado lado a lado com um tapete recentemente criado

por Mehkitar Garabedian (n.1977, Aleppo), um dos artistas representados no muito elogiado Pavilhão da Arménia da última edição da Bienal de Veneza. A semelhança das histórias de arménios deslocados é surpreendente e no caso do tapeceiro arménio Hagop Kapoudjian (c. 1869-1946), autor de três dos quatro tapetes kumkapi expostos, encontra-se intimamente ligada com a própria história de Calouste Gulbenkian.

Um segundo momento marcante terá lugar em junho, aquando da exposição comemorativa do 60.º aniversário da Fundação Gulbenkian, que, nas palavras de Penelope Curtis, “vai cruzar as duas coleções e mostrar o modo surpreendente como ambas refletem o século XX.” Tomando o ano de 1956 como o ponto central, a apresentação vai recuar e avançar no tempo, cruzando obras das duas coleções que representam, simultaneamente, diferentes versões do conceito de modernidade

Nos próximos tempos vai assistir-se a uma programação com recurso às duas coleções, incluindo apresentações históricas e contemporâneas, bem como um diálogo cada vez maior entre ambas.

Versão virtual do Museu Calouste Gulbenkian em: www.google.com/culturalinstitute/collection/fundacao-calouste-gulbenkian

Michael Friedman vence Prémio Fernando Gil

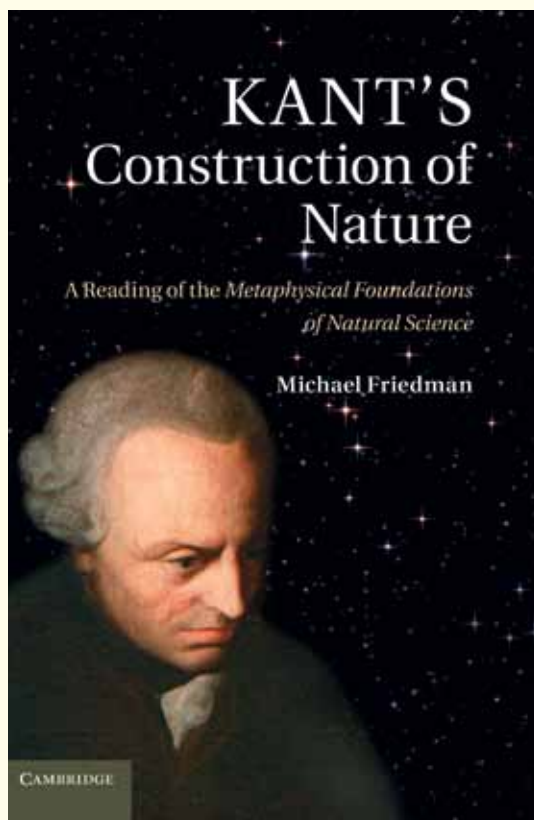
Uma nova leitura da obra de Kant, realizada pelo reconhecido filósofo da ciência e membro proeminente da escola neokantiana Michael Friedman, foi distinguida com o Prémio Internacional Fernando Gil 2015.

O júri do Prémio ficou “particularmente impressionado pela profundidade e exatidão do conhecimento” do filósofo norte-americano e irá entregar o galardão numa cerimónia a realizar no dia **4 de abril**, na Fundação Calouste Gulbenkian, onde o premiado irá proferir uma palestra original intitulada *Philosophy of Science between Europe and America*.

Michael Friedman estabeleceu a sua reputação internacional com a publicação do seu primeiro livro, *Foundations of Space-Time Theories: Relativistic Physics and the Philosophy of Science* (Princeton University Press, 1983), com o qual conquistou o prémio Matchette da American Philosophical Association e o prémio Lakatos para Filosofia da Ciência. Paralelamente ao seu trabalho mais técnico sobre a filosofia da Física, Friedman também escreveu trabalhos sobre a filosofia do século xx, dos quais se destaca o livro *Parting of the Ways: Carnap, Cassirer, and Heidegger* (Open Court, 2000). Mas é a sua admiração pela filosofia de Kant que tem estado no centro do pensamento de Michael Friedman e que produziu uma leitura radicalmente nova de *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* (1786), considerado um dos textos mais difíceis, mas também dos mais importantes do filósofo alemão, publicado entre a 1.^a e a 2.^a edições da *Crítica da Razão Pura*. Embora ocupe um lugar central no desenvolvimento da filosofia de Kant, a obra *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* tem atraído pouca atenção comparativamente com outras obras do seu período crítico.

O livro de Michael Friedman, agora premiado, – *Kant’s Construction of Nature: A Reading of the Metaphysical Foundations of Natural Science* (Cambridge University Press, 2013) – faz uma leitura nova e exaustiva da obra de Kant e reconstrói com clareza e grande detalhe o seu argumento principal, sublinhando o impacto que o físico e matemático inglês Newton teve sobre o filósofo alemão e explicando a relação da obra de Kant com a de outros pensadores da ciência oitocentistas como Euler e Lambert. Ao relacionar o texto de Kant com os seus escritos pré-críticos sobre metafísica e filosofia da natureza e, em particular, com as mudanças que Kant fez na 2.^a edição da *Crítica da Razão Pura*, Friedman oferece uma perspectiva radicalmente nova sobre o significado e o desenvolvimento da filosofia crítica como um todo.





Seminário científico

A cerimónia de entrega do Prémio realiza-se no dia 4 de abril, às 18h00, no Auditório 3 da Fundação Calouste Gulbenkian. No dia 5, entre as 9h30 e as 13h30, decorre, no mesmo espaço, um seminário científico com a participação de Michael Friedman (9h30, "A Kantian Legacy in History and Philosophy of Science"; moderação de Donald Gillies), de Isabel Malaquias, da Universidade de Aveiro (11h30, "Beyond the Republic of Letters – J. H. de Magellan, a remarkable science network builder"; moderação de Manuel Silvério Marques), e de Ricardo Lopes Coelho, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (12h30, "A philosophical problem in the foundations of mechanics"; moderação de António Marques). Com um doutoramento pela Universidade de Princeton (1973), Michael Friedman já lecionou na Universidade de Harvard, na Universidade da Pensilvânia, na Universidade do Illinois e na Universidade do Indiana. Atualmente é professor na Universidade de Stanford.

No valor de 75 mil euros, o Prémio Internacional Fernando Gil 2015 resulta de uma iniciativa conjunta do Governo português, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e da Fundação Calouste Gulbenkian para homenagear a memória e a obra do filósofo português Fernando Gil (1937-2006). Tem por objetivo distinguir um trabalho de qualidade excecional no domínio da Filosofia da Ciência, que considere quer problemas epistemológicos gerais quer questões relativas a áreas científicas específicas, da autoria de investigadores de qualquer nacionalidade ou afiliação profissional.

Nas edições anteriores, o Prémio Internacional Fernando Gil foi entregue ao eslovaco Ladislav Kvasz, pela sua obra *Patterns of Change. Linguistic Innovations in the Development of Classical Mathematics* (Birkhäuser Basel, 2008); ao italiano Niccolò Guicciardini, pela sua obra *Isaac Newton sobre a Certeza Matemática e o Método*; e ao sul-coreano Hasok Chang, pela sua obra intitulada *Is Water H₂O? Evidence, Realism and Pluralism* (Springer, 2012).

Ciência em Cena chega à final



STILL DE A HISTÓRIA DE ALGUÉM, UM DOS PROJETOS FINALISTAS, POR ALUNOS DO EXTERNATO COOPERATIVO DA BENEDITA



STILL DE NEURODEGENERESCÊNCIA: SÓ TU FARÁS A DIFERENÇA, UM PROJETO DA ESCOLA PROFISSIONAL DE AVEIRO.

No dia 12 de março, no Auditório 2 da Fundação, os dez finalistas do Ciência em Cena sobem ao palco para a final do concurso, que teve como temas centrais o cérebro e as doenças neurodegenerativas. Nesta data serão conhecidos os três grandes vencedores que conseguiram destacar-se entre as mais de 200 candidaturas recebidas.

O Ciência em Cena é um concurso que quer despertar o interesse de jovens estudantes pelo conhecimento científico, consciencializá-los para as várias doenças e sensibilizá-los para a solidariedade. Depois de ter tratado o tema da diabetes no ano passado, a edição deste ano desafiou os jovens a realizar vídeos, criativos e informativos, sobre doenças neurodegenerativas. Os dez projetos finalistas, com participações vindas de todo o país, abordam temas como a Doença de Alzheimer, a Esclerose Lateral Amiotrófica e a Polineuropatia Amiloidótica Familiar (PAF), mais conhecida como Doença dos Pezinhos, vistos pelo olhar dos jovens, por meio de música, dança, representação ou desenho. Os jovens participantes também ganharam a possibilidade de se preparar para o espetáculo final com os atores Romeu Costa e Catarina Requeijo e o cientista David Marçal.

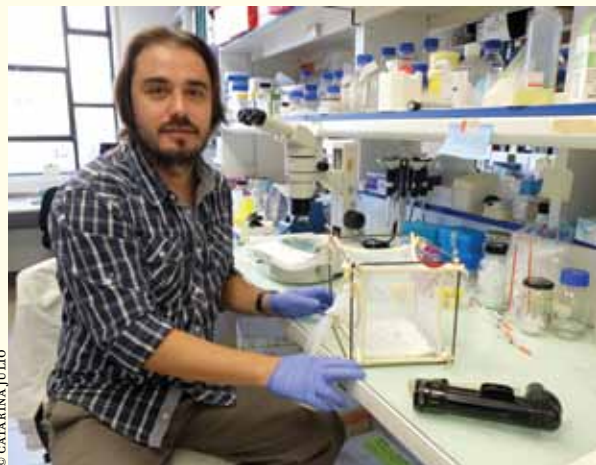
No dia 12, os três vencedores do concurso vão ser escolhidos por um júri formado por Elizabeth Silva, responsável pelo setor das Ciências da Comissão Nacional da UNESCO e coordenadora do Fórum Português de Geoparques e da Rede Portuguesa de Reservas da Biosfera da UNESCO; o neurorradiologista Nuno Sousa, editor-chefe da revista *Frontiers in Behavioral Neuroscience*; e o apresentador de rádio e televisão Fernando Alvim. Os selecionados vão receber um cheque oferta no valor de 500 euros e vão estar presentes no espetáculo solidário da Maratona da Saúde, transmitida na RTP.

Todos os vídeos dos finalistas desta iniciativa do Programa Descobrir, em parceria com a Maratona da Saúde, podem ser vistos em www.cienciaemcena.pt

Prémio Pulido Valente Ciência para investigador do IGC

Bahtiyar Yilmaz, antigo aluno do programa de doutoramento do Instituto Gulbenkian de Ciência, recebeu o Prémio Pulido Valente Ciência 2015 pela descoberta de um mecanismo natural de defesa contra a transmissão da malária desencadeado por bactérias residentes no intestino. O prémio, no valor de dez mil euros, distingue “o melhor artigo publicado na área da Imunidade Inata e Adquirida”, realizado por um investigador com menos de 35 anos.

O trabalho de investigação desenvolvido no laboratório de Miguel Soares foi originalmente publicado na prestigiada revista científica *Cell*, e recentemente reconhecido com o Prémio Pfizer 2015 em Investigação Básica. O prémio Pulido Valente de Ciência é compartilhado pela Fundação Professor Francisco Pulido Valente e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



© CATARINA JÚLIO

IGC com cinco bolsas Marie Curie



© CATARINA JÚLIO

Cinco investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência foram premiados com bolsas individuais Marie Skłodowska-Curie para prosseguirem a sua carreira científica. Em Portugal, o IGC foi a instituição que ganhou o maior número de bolsas entre as 19 atribuídas.

As investigadoras portuguesas Joana Loureiro e Inês Milagre, o espanhol Filipe Espigares, o francês Faouzi Braza e o franco-israelita Tom Laloum estão todos em fase de pós-doutoramento e este financiamento europeu – bastante competitivo e prestigiado – permite aos “melhores e mais promissores investigadores de todo o mundo” trabalhar na Europa ou mudar de laboratório entre países europeus. Neste concurso, dentro do painel de Ciências da Vida, apenas os candidatos que obtiveram uma classificação acima dos 92,4 por cento conseguiram obter financiamento que cobre salários e algumas despesas de laboratório durante dois anos.

Descoberto sinal que controla liberação de insulina



O ritmo e a duração do período de crescimento de um animal têm de ser ajustados de acordo com a disponibilidade de nutrientes existentes ao longo do desenvolvimento, para evitar que surjam problemas no animal adulto, nomeadamente em termos de fecundidade, longevidade ou resistência a *stress*. Num estudo publicado na revista científica *PLoS Biology*, os investigadores Takashi Koyama e Christen Mirth do Instituto Gulbenkian Ciência (IGC) usaram a mosca da fruta para entender como os aminoácidos estimulam o crescimento do organismo.

Nos insetos, todos os macronutrientes da dieta digeridos são incorporados num órgão denominado corpo adiposo, com funções semelhantes ao fígado dos mamíferos e aos adipócitos. Sabia-se que este órgão tem a capacidade de conseguir detetar a concentração de aminoácidos alimentares, e que o crescimento dos insetos depende de insulina, mas era desconhecida a natureza do sinal que transmite

informação sobre os aminoácidos e leva à liberação de insulina. Neste estudo, os investigadores do IGC identificaram duas moléculas denominadas *growth-blocking peptide 1 e 2* (GBP1 e GBP2) cuja produção e liberação depende da concentração de aminoácidos.

Quando a concentração aumenta, o corpo adiposo liberta estas moléculas para a “corrente sanguínea” da mosca da fruta, ou o seu equivalente. Estas moléculas vão então informar o cérebro de que há nutrientes suficientes no organismo, levando à liberação de insulina no resto do corpo. Quando os investigadores diminuíram os níveis de GBP1 e GBP2 observaram moscas com menor tamanho. Estes resultados “preenchem uma importante lacuna na compreensão de como a informação nutricional é transmitida para que as células produtoras de insulina controlem o tamanho do corpo do organismo”, explicam os investigadores do IGC.

Hack for Good

Maratona tecnológica pelo envelhecimento



Nos dias 23 e 24 de abril, a Fundação Calouste Gulbenkian organiza o “Hack for Good”, uma maratona de desenvolvimento de tecnologia (*hackathon*) que tem como missão criar projetos de *software* funcional que respondam de forma inovadora a problemas ligados ao envelhecimento da população. Trata-se de um evento pioneiro a nível nacional, cujo objetivo é estimular e captar o interesse de jovens talentos para uma causa social, cruzando tecnologia e a problemática do envelhecimento populacional, para encontrar soluções inovadoras que possam ser replicadas a uma escala mundial.

Ao longo de dois dias, estarão reunidos na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, cerca de 150 programadores, *designers*, engenheiros, gestores e outros profissionais, provenientes de norte a sul do país, para interagir com seniores, profissionais da área da saúde, especialistas e cuidadores. O trabalho será desenvolvido em equipas multidisciplinares, numa maratona intensiva de programação e prototipagem que explora o potencial da tecnologia ao serviço das alterações demográficas.

Entre os 28 Estados-membros da União Europeia, Portugal apresenta um dos mais baixos índices de renovação da população em idade ativa. Mas as pessoas idosas, ou seniores, são cada vez mais ativas, abertas às novas tecnologias e exigentes em relação a atividades, iniciativas e serviços adequados a esta nova realidade. Combinando a vertente social com o potencial das tecnologias emergentes surgem grandes oportunidades nesta área.

Dentro do tema do envelhecimento populacional, durante o Hack for Good será dada particular atenção aos seguintes subtemas: Comunicação e Relações Sociais (combater isolamento e sedentarismo dos idosos); Estimulação Cognitiva (combater perda de capacidades cognitivas); Transferência de Conhecimentos (promover contacto intergeracional evitando perda de conhecimentos); Saúde e Bem-estar; Nutrição; Finanças Pessoais (serviços financeiros mais adequados para idosos); Cuidadores; Mobilidade (alternativas de transporte viáveis para idosos).

www.hackforgood.pt

Moçambique à frente no ensino a distância



Moçambique tornou-se no primeiro PALOP e primeiro país da CPLP a ter um sistema de acreditação e garantia de qualidade da Educação a distância. Esta nova realidade foi possibilitada pelo apoio concedido ao INED – Instituto Nacional de Educação a Distância de Moçambique.

Financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, este projeto decorreu entre 2014 e 2015 com o principal objetivo de apoiar o INED na conceção e implantação do Sistema de Acreditação e de Garantia de Qualidade da Educação a Distância em Moçambique.

O novo Sistema aplica-se a instituições provedoras de Educação a Distância e a cursos de todos os níveis do Sistema Nacional de Educação de Moçambique, um processo considerado fundamental para a garantia de qualidade do ensino ministrado, permitindo a diminuição da insegurança e da resistência de alunos e professores. Moçambique conta atualmente com cerca de 60 mil estudantes na Educação a distância, a maioria dos quais no ensino superior, com a oferta a ser assegurada por 14 instituições.

O INED, organismo tutelado pelo Ministério da Educação de Moçambique, criado em 2006, é a entidade pública reguladora da atividade do Ensino a Distância, sendo que o Regulamento, publicado em 2009, define as condições que as instituições moçambicanas têm de reunir para poderem oferecer formação nesta área. Tanto as instituições provedoras como os próprios cursos têm de obter acreditação pelo INED, sendo que o instituto tem de dispor de um conjunto de procedimentos e instrumentos e de um quadro de pessoal qualificado que permitam responder com qualidade aos pedidos de acreditação.

Este projeto contou com o apoio técnico da Universidade de Aveiro que, desde 1998, tem vindo a desenvolver competências científicas e pedagógicas nesta área em Moçambique.

Ópera na Prisão no Grande Auditório

Ópera na Prisão: D. Giovanni 1003 – Leporello 2015, uma iniciativa desenvolvida no Estabelecimento Prisional de Leiria e um dos projetos integrado no PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, apresenta-se em junho no palco do Grande Auditório.

Em outubro do ano passado, 27 jovens reclusos do Estabelecimento Prisional de Leiria trocaram as celas pelo palco. Acompanhados por uma orquestra e cantores profissionais, durante duas noites, transformaram a antiga fábrica de serração da prisão num cenário onde interpretaram a famosa ópera de Mozart *Don Giovanni*, algo que meses ou anos antes nunca teriam imaginado.

Agora, depois de dois anos de trabalho, os reclusos e os membros da Sociedade Artística e Musical dos Pousos (SAMP), responsáveis pelo desenvolvimento desta iniciativa, veem uma nova e inesperada etapa no projeto: no dia **30 de junho** sobem ao palco do Grande Auditório da Fundação, acompanhados pela Orquestra Gulbenkian, para mais uma vez interpretar Ópera na Prisão: D. Giovanni 1003 – Leporello 2015, um concerto que vai estar integrado nas comemorações dos 60 anos da Fundação. Além da obra de Mozart, o programa integra um tema escrito pelos próprios reclusos, acompanhado pela Orquestra, e inclui a participação de familiares, amigos e namoradas dos jovens do Estabelecimento Prisional de Leiria.

Para Paulo Lameiro, diretor artístico da Ópera na Prisão, a vinda ao Grande Auditório significa “uma alteração do paradigma do concerto da música clássica e da identidade das instituições que os promovem”, significando “o abrir dessa experiência a quem está fechado”. Para Paulo Lameiro, “seria difícil reforçar a autoestima e a consolidação dos valores de responsabilidade pessoal e social de uma forma tão intensa quanto a que proporcionará este evento. Irão sentir e viver a sensação de que o trabalho sistemático e rigoroso, e ter um sonho e trabalhar de forma organizada e em equipa, produzem resultados. E esses resultados podem ser inesperadamente compensadores”.

Ópera na Prisão foi um dos 17 projetos que contou com o apoio do PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, na sua primeira edição. O PARTIS é uma iniciativa que procura criar pontes entre comunidades que habitualmente não se cruzam, numa perspetiva integradora e usando as práticas artísticas. Para isso, tem apoiado projetos que permitem tornar realidade o papel da arte enquanto motor de inclusão social. Na segunda edição, agora a decorrer, a SAMP foi novamente distinguida com um apoio a um projeto no Estabelecimento Prisional de Leiria, desta vez com a criação, em 2018, do Pavilhão Mozart, um espaço dedicado à ópera e ao teatro musical localizado na prisão.



PÁTIO DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE LEIRIA © JOAQUIM DÁMASO

Uma Metrópole para o Atlântico

Na apresentação do estudo sobre o Arco Metropolitano de Lisboa foi anunciada a Lisbon Initiative for the Future, uma iniciativa estratégica para a região que agrega pessoas, instituições de ensino superior, empresas e entidades públicas.

No dia 23 de fevereiro, com a presença de Fernando Medina e de Artur Santos Silva, foi apresentado o estudo *Uma Metrópole para o Atlântico*, que traça um diagnóstico do potencial de ensino e de investigação, do empreendedorismo e da capacidade empresarial para a internacionalização do Arco Metropolitano de Lisboa e que resulta de uma parceria entre a Fundação e a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito da Iniciativa Gulbenkian Cidades.

No decorrer da apresentação foi anunciado o acordo entre a autarquia e a Fundação Gulbenkian que permitirá constituir a Lisbon Initiative for the Future (LIFT), uma iniciativa estratégica para a região “centrada na cooperação do triângulo do conhecimento – instituições de ensino, de investigação e empresas –, contribuindo para uma dinâmica de inovação articulada e catalisadora do desenvolvimento desta macrorregião e do país”, revelou Artur Santos Silva.

A macrorregião a que se refere – o Arco Metropolitano de Lisboa – não tem uma existência formal, nem limites geográficos precisos, mas é uma região urbana funcional que constitui um sistema cada vez mais interativo e interdependente ao nível das instituições, pessoas, empresas e lugares, correspondendo a um dos motores essenciais do crescimento, da modernização e da internacionalização do país, diz o estudo com o qual a iniciativa estratégica agora anunciada irá contar.

“A LIFT procurará contribuir para fazer avançar a reflexão e a ação destinadas a dotar a região de maior capacidade de afirmação e de atratividade na globalização e na economia do conhecimento, mobilizando em torno de projetos empresas nacionais e multinacionais, instituições de ensino superior e de investigação, associações e câmaras de comércio e entidades do sistema financeiro, em colaboração com atores públicos”, sublinhou Artur Santos Silva, ressaltando que esta “deverá ser uma iniciativa suficientemente independente, flexível e mobilizadora”.

Sobre o estudo coordenado por José Manuel Félix Ribeiro, Francisca Moura e Joana Chorincas [Iniciativa Gulbenkian Cidades], que identifica no Arco Metropolitano de Lisboa “uma projeção inquestionavelmente atlântica”, Fernando Medina disse tratar-se de um trabalho que “convoca para a ação”.

Realizado em colaboração com a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova, o ISCTE, a Universidade de Évora e a Universidade Católica, e em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, o estudo contou ainda com a colaboração de uma equipa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, coordenada por Teresa Sá Marques, e com a colaboração da Informa D&B.

Para Félix Ribeiro, que sublinhou as áreas de colaboração na região que este estudo torna visíveis, existe “um desafio de crescimento que só podemos encarar na globalização”. Quanto à Economia do Conhecimento, concluiu: “Temos de aperfeiçoar as nossas capacidades como país europeu.”

Estudo disponível em www.gulbenkian.pt

Apresentação em <http://livestream.com/fcglive/20160223UmametropoleparaAtlantico>

Dá Voz à Letra

Palavras e Imagens



O palco da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, encheu-se de sons e imagens no passado dia 13 de fevereiro. Os dez finalistas do concurso Dá Voz à Letra, organizado pelo Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas, em parceria com a Câmara Municipal do Porto e com a Porto Editora, apresentaram-se num espetáculo dirigido pelo encenador Carlos Pimenta, com guião e seleção dos textos da autoria da escritora Helena Vasconcelos e apoio à oralidade da responsabilidade da atriz Teresa Lima. Além da leitura dos textos realizada pelos jovens (dos 13 aos 17 anos), este espetáculo contou com as ilustrações ao vivo de António Jorge Gonçalves e a participação do músico Ricardo Pinto.

No final, o júri constituído por Catarina Furtado, Pedro Lamares e Valter Hugo Mãe, escolheu os três melhores leitores em voz alta. A vencedora da viagem a Londres – prémio do 1.º lugar –, foi Mara Rocha Martins, de 16 anos. Nos segundo e terceiro lugares ficaram respetivamente Mafalda Sousa Marques e Gonçalo de Castro, que levaram para casa um iPad com vários livros em formato digital, da Porto Editora.

Esta foi a segunda edição do concurso que começou em 2015 na Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Orquestra Gulbenkian em Barcelona



© ANTONI BOFILL

A Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro catalão Ernest Martínez-Izquierdo, atuou com grande sucesso, no mês passado, no Palau de la Musica, de Barcelona. O programa do concerto, que teve a participação do pianista russo Nicolai Lugansky, incluiu o 2.º Concerto para piano e orquestra de Rachmaninov, a suite *O Pássaro de Fogo* de Stravinsky e ainda uma obra da compositora Kaija Saariaho, *Laterna mágica*.

O jornal *El País* assinalou o “rotundo êxito” deste concerto, destacando a “fantasia tímbrica” e a “força rítmica” demonstradas pela orquestra e pelo maestro, o “virtuosismo avassalador e o lirismo cativante” de Lugansky, assim como o “belo presente” que a estreia catalã da obra de Saariaho constituiu para o público que praticamente encheu a sala. Para a *Revista Musical Catalana*, a prestação da Orquestra

Gulbenkian foi simplesmente “extraordinária”. Já o diário catalão *El Periódico* descreveu o programa como um “sugestivo *cocktail* musical”, elogiando os intérpretes numa noite em que “a Orquestra Gulbenkian expôs todo o seu potencial”.

O crítico musical do *DN*, Bernardo Mariano, deu conta de “triunfo” de uma “orquestra em estado de graça”, que o público catalão reconheceu com “generosidade”. Salientou a sinceridade e elegância de Lugansky, “ao alcance de poucos”, que teve na Orquestra um parceiro “atento no ritmo e no espírito”. A interpretação final da suite *O Pássaro de Fogo* acabou por confirmar, de acordo com o crítico, a “forma excepcional” que a Orquestra exibiu ao longo da noite, demonstrando um “virtuosismo orquestral sempre bem controlada pela direção de Martínez-Izquierdo”.

Echolalia

Exposição de Ana Torfs

Nesta sua primeira exposição individual em Portugal, a artista belga Ana Torfs (n. 1963) apresenta quatro instalações sob o ambíguo título de Echolalia. O termo "echolalia" refere-se à repetição de palavras (papaguear) das crianças quando aprendem a falar, mas descreve também uma condição médica que faz alguém repetir compulsivamente palavras e frases ditas por terceiros.



ANA TORFS, TXT, ENGINE OF WANDERING WORDS, 2013 (ASPETO) © ANA TORFS



ANA TORFS, FAMILY PLOT, 2009-10 (PORMENOR) © ANA TORFS

Ana Torfs: Echolalia

Curadoria: Caroline Dumalin

11 março – 13 junho 2016

Echolalia foi produzida em colaboração com o WIELS Contemporary Art Centre, em Bruxelas.

Desde o início da década de 1990 que Ana Torfs tem vindo a construir uma obra única e visualmente surpreendente, marcada pelos mundos que as palavras desvendam. Nesta exposição explora as palavras do diário de viagem de Cristóvão Colombo (*The parrot & the nightingale, a phantasmagoria*, 2014), nomes científicos em latim de vinte e cinco famílias de plantas (*Family Plot*, 2009-10), uma série de estrangeirismos (*TXT, Engine of wandering words*, 2013), ou nomes comuns de vinte corantes sintéticos (*[...] Stain [...]*).

O título da exposição remete para as ligações que ressoam entre estas quatro obras por meio de traduções brincalhonas e poéticas de linguagem ou de texto em imagens (ou vice-versa) causando desvios de sentido e de interpretação. No seu trabalho, Ana Torfs aborda analítica e metaforicamente questões fundamentais da representação e das suas estruturas narrativas. Nas instalações que constituem *Echolalia*, uma arqueologia do conhecimento desempenha um papel crucial: a forma como as coisas são nomeadas e descritas para que seja possível compreendê-las e como, durante a sua transmissão, surgem constantemente novas constelações de palavras, imagens e sons.

As matérias e os materiais legados do passado a que Torfs recorre na sua aventura de erudição ganham novos sentidos, uma e outra vez, numa tentativa interminável de compreender a complexidade do mundo – revelando, no processo, que qualquer sistema ou ordem não passam de uma ilusão.

Ana Torfs vive e trabalha em Bruxelas. Entre as suas exposições individuais destacam-se as realizadas no WIELS Contemporary Art Centre, em Bruxelas (2014), na Generali Foundation, em Viena (2010), na K21 Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, em Düsseldorf (2010), no Sprengel Museum, em Hanôver (2008), no Argos – Centre for Art and Media, em Bruxelas (2007), na daadgalerie, em Berlim (2006), na GAK Gesellschaft für Aktuelle Kunst, em Bremen (2006), e no Palais des Beaux-Arts (BOZAR), em Bruxelas (2000).



ANA TORFS, *THE PARROT & THE NIGHTINGALE, A PHANTSMAGORIA*, 2014 © ANA TORFS

Uma obra em exposição: *O Papagaio e o Rouxinol, Fantasmagoria*, 2014

No diário da sua primeira viagem à América, em 1492-93, Cristóvão Colombo refere profusamente papagaios e rouxinóis. Há anos que Ana Torfs se deixou fascinar pelo diário de Colombo, no qual o navegador descreve a recentemente descoberta “Nova Índia” como uma cornucópia, um paraíso de flores admiráveis, uma imensa variedade de árvores e frutos extraordinários, já para não referir os surpreendentes peixes e aves das mais maravilhosas cores.

Uma primeira característica que despertou a atenção de Torfs na sua leitura do diário de Cristóvão Colombo foi a constante repetição de palavras como “árvore”, “cruz”, “acreditar”, “rouxinol”, “comércio”, “papagaio”, “perigo”, “prodígio”, “nudez” e “arma”. A palavra que ocorre com maior frequência – logo depois de “ouro” – é “sinal”: sinais que deviam ser decifrados e traduzidos. No mar, qualquer madeira flutuante, ave ou peixe eram sinais de que havia terra nas proximidades e, quando finalmente desembarcam na “Índia”, abundavam os sinais da presença de ouro e prata.

Colombo olha, porém não vê. Escuta, mas não ouve o Outro. A única criatura (para além dos seres humanos) a que Colombo se refere após o seu primeiro dia na “Índia”, naquela quinta-feira, 11 de outubro de 1492, é um papagaio, uma ave conhecida pela sua capacidade mímica e fala repetitiva. No mesmo dia, escreveria no seu diário que os “Índios” que encontrara eram como crianças que ainda precisavam de aprender a falar (a língua dele). Assim sendo, assinalou também que possivelmente dariam bons serviços, dado que rapidamente repetiam tudo o que se lhes era dito...

Nesta obra, assistimos a um intérprete de língua gestual americana (ASL) que gestualiza passagens cuidadosamente selecionadas do diário de Colombo ao mesmo tempo que três intérpretes anglófonos, cada um fluente numa diferente língua gestual e que se alternam aleatoriamente, reinterpretem os gestos filmados em inglês oral. Simultaneamente, o visitante encontra projeções a preto e branco de imagens de uma floresta tropical que se dissolvem lentamente. A floresta pode ser vista como metáfora do texto narrativo em geral, enquanto os intérpretes representam a confusão babilónica de línguas que surgiu naquele primeiro encontro com o Novo Mundo.

(Por) dentro de uma Mente Criativa

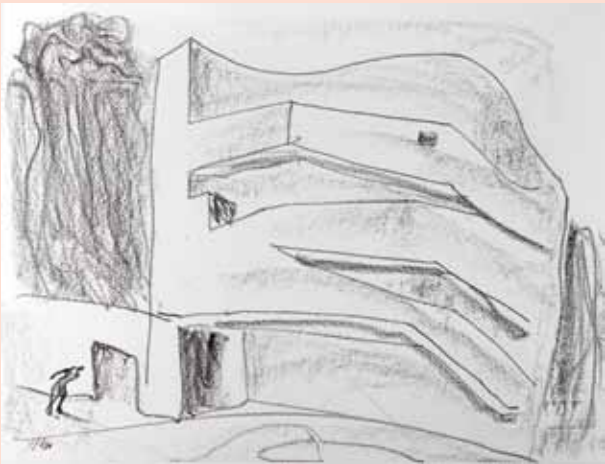
A partir de 18 de março, um ciclo de conferências e uma exposição vão dar a conhecer a forma particular e única de pensar de arquitetos portugueses consagrados e a riqueza do trabalho quotidiano nos seus ateliês, no longo percurso entre as primeiras ideias e a obra construída.

De autoria e curadoria de Eduarda Lobato de Faria, (Por) dentro de uma Mente Criativa [*Inside a creative mind*] é um projeto sobre o processo criativo da conceção em Arquitetura. Trata-se de uma iniciativa do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas que contempla um ciclo de conferências, num formato que promete ser inovador, e uma exposição onde poderão ser vistos projetos dos arquitetos Aires Mateus, Álvaro Siza Vieira, ARX Portugal, Eduardo Souto de Moura, Gonçalo Byrne, Inês Lobo e João Luís Carrilho da Graça.

O ciclo de conferências quer promover o diálogo com profissionais de referência em Arquitetura, a partir de entrevistas conduzidas pela curadora, seguidas de uma conversa alargada à assistência. “Dar a conhecer a experiência, o conhecimento, o pensamento, o método de trabalho e as ideias que conduzem a conceção dos projetos dos arquitetos convidados” é como Eduarda Lobato de Faria descreve o propósito deste projeto. Assumidamente fã do formato televisivo norte-americano “Inside the Actors Studio” — um programa com entrevistas aos grandes nomes do cinema, cujo resultado final se assemelha a uma “masterclass” —, Eduarda Lobato de Faria, professora na Faculdade de

Arquitetura da Universidade de Lisboa há cerca de 30 anos, reconhece que concebeu este ciclo de conferências a pensar especialmente nos seus alunos, estudantes do curso de Arquitetura e futuros arquitetos.

“Pensei que seria extraordinário que os alunos de todas as escolas de Arquitetura pudessem ter um contacto mais direto com a realidade, podendo dialogar e fazer perguntas a grandes profissionais de Arquitetura. É um formato de conferência que permite aos arquitetos convidados falarem, de forma ampla, sobre o seu percurso de vida profissional”, diz a curadora, que fala de inovação e de aproximação entre os profissionais e o público, desejando que este projeto possa trazer muitos jovens à Fundação Calouste Gulbenkian.



DESENHO ORIGINAL DE ÁLVARO SIZA VIEIRA PARA A EXPOSIÇÃO MUSEU IBERÊ CAMARGO (1998-2008), PORTO ALEGRE, BRASIL. © CATARINA GOMES FERREIRA (2016)



FOTOGRAFIA DA OBRA CONSTRUÍDA. PERSPECTIVA DO INTERIOR DO MUSEU IBERÊ CAMARGO (1998-2008), PORTO ALEGRE, BRASIL. PROJETO DE ÁLVARO SIZA VIEIRA. © ARQUIVO ÁLVARO SIZA

Sete projetos, uma exposição

“A minha ideia é que o público siga o caminho de uma obra de arquitetura”, diz a curadora sobre a exposição que irá mostrar desenhos conceptuais, esboços, maquetes de estudo e finais, desenhos técnicos, desenhos digitais, fotografias de obra, entre outros materiais que contam a história dos projetos que estarão em exposição e que foram selecionados livremente pelos próprios autores.

Entre os diferentes ateliês, os materiais que são mostrados nesta exposição divergem: “Os arquitetos têm métodos e processos de concepção diferentes. A intenção é exatamente expor essa diversidade”, explica a arquiteta que publicou, em 2014, *Imaginar o Real – O Enigma da Concepção em Arquitetura*, o livro que decorreu da sua tese de doutoramento e foi o ponto de partida para este projeto, que conta com prefácio de Álvaro Siza Vieira.

“Pensando no fenómeno da criatividade, sempre me interessou tentar objetivar aquilo que aparentemente é subjetivo e que não se pode explicar: por que é que alguém, num qualquer processo criativo, faz determinadas escolhas e não outras?”, pergunta Eduarda Lobato de Faria, que na sua tese de doutoramento analisou este fenómeno especificamente em Arquitetura. “É uma abordagem universal. Nesse processo enigmático, existem elementos constantes que interagem, como o ser humano, o tempo, o desenho, a obra, independentemente de quem faça arquitetura, onde faça e com que meios.”

Para a seleção dos arquitetos que participam neste projeto, contou com a colabora-

ção de Pedro Gadanho, que irá dirigir o novo Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia em Lisboa (MAAT) e que, em 2010, foi um dos curadores da Conferência Internacional sobre Arquitetura e Ficção em que Eduarda Lobato de Faria também participou e que se intitulava *Once upon a Place: Haunted Houses & Imaginary Cities*. “Como consultor curatorial neste projeto, [Pedro Gadanho] ajudou-me a alinhar os arquitetos convidados, numa lógica de ‘mestres e discípulos’, como é o caso de Siza Vieira e de Souto de Moura, de Carrilho da Graça e de Inês Lobo, ou de Gonçalo Byrne e os Aires Mateus.”

“Esta exposição pretende interessar todas as pessoas que gostam de Arquitetura, e mesmo as que a desconhecem, desmistificando a ilusão de que o arquiteto um dia acorda com uma ideia luminosa e que, como por magia, o projeto se resolve e se materializa. Queremos mostrar que é um caminho complexo e muitas vezes tortuoso”, sublinha Eduarda Lobato de Faria.

Uma das grandes paredes da sala de exposições exhibe sete filmes, uma realização para cada um dos profissionais da autoria de Catarina Mourão, onde se pretende registar a presença do arquiteto na sala com um monólogo acerca da obra exposta. “Não concebia que alguém estivesse dentro do mundo das ideias de um arquiteto sem a sua presença, a sua gestualidade, a sua voz e o ambiente de trabalho pessoal que o rodeia. Foi assim que pensei nos filmes como um elemento evocativo forte e acromático, registando apenas luz, sombra e valor de cor: as imagens vão pulverizar o pensamento dos arquitetos através da sua voz, que vai estar sempre presente na sala. Estaremos sempre a ouvi-lo a falar livremente sobre o projeto apresentado.”



OBJETO TRIDIMENSIONAL ICÓNICO DA EXPOSIÇÃO CUBO INSIDE A CREATIVE MIND (2016).
© MARIANO PIÇARRA (2016)

(POR) DENTRO DE UMA MENTE CRIATIVA INSIDE A CREATIVE MIND

Arquitetura Portuguesa | Criatividade e Inovação
Autoria e Curadoria: Eduarda Lobato de Faria

Ciclo de conferências

Auditório 3, 18h30

Entrada livre

18 de março | **Álvaro Siza Vieira**

7 de abril | **Gonçalo Byrne**

14 de abril | **José e Nuno Mateus** | ARX Portugal

28 de abril | **Francisco e Manuel Aires Mateus**

12 de maio | **João Luis Carrilho da Graça**

19 de maio | **Inês Lobo**

2 de junho | **Eduardo Souto de Moura**

Exposição

Edifício-Sede, piso 01

18 março a 6 junho

Obras da Coleção do CAM na Caixa Forum Barcelona

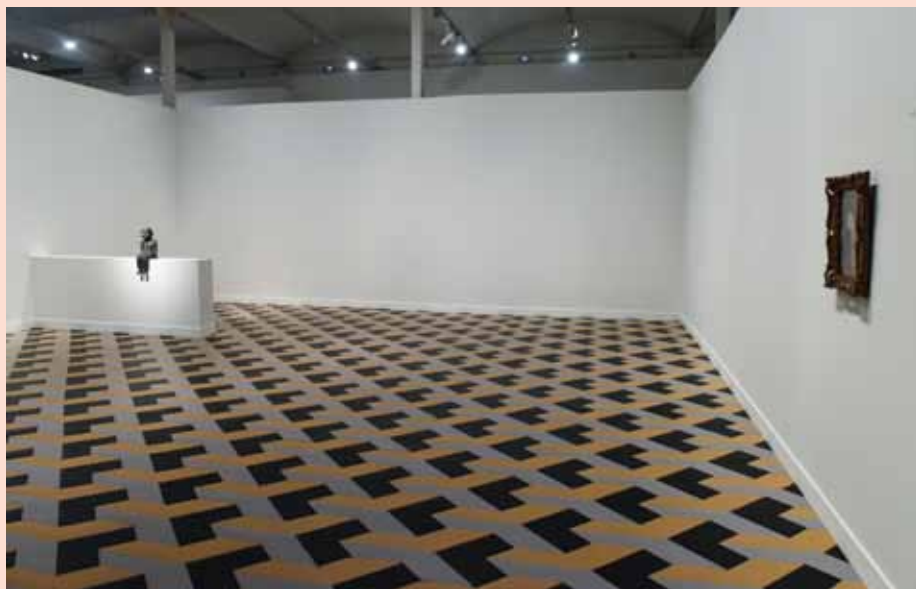
A Caixa Forum Barcelona acolhe, desde fevereiro, a exposição *O Peso de um Gesto*, o segundo momento da exibição conjunta de obras de três importantes coleções ibéricas (Fundación "la Caixa", Macba e CAM) iniciada no ano passado, com a exposição *Tensão e Liberdade*, comissariada por Isabel Carlos no CAM.

Desta vez, a curadoria foi entregue a Julião Sarmento, que reuniu pinturas, esculturas, vídeos e instalações a partir do seu olhar de artista. Entre as obras do CAM escolhidas por Julião Sarmento, e que podem ser vistas neste espaço até dia 1 de maio, contam-se trabalhos de Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, Areal, Jorge Barradas, Fernando Calhau, Rui Chafes, João Queiroz, Joaquim Rodrigo e Bridget Riley, entre outros.

Esta exposição resulta de um protocolo de colaboração entre a Fundación "la Caixa" e a Fundação Gulbenkian, o qual prevê ações em várias áreas, nomeadamente a exposição conjunta das suas coleções.



DIRETORA GERAL ADJUNTA DA FUNDAÇÃO "LA CAIXA", JULIÃO SARMENTO E FERRAN BARENBLIT, DIRETOR DO MACBA.



JUAN MUÑOZ, WASTE LAND, 1986. COLECCIÓN "LA CAIXA" DE ARTE CONTEMPORÁNEO © JUAN MUÑOZ ESTATE, VEGAP, BARCELONA, 2016

Amadeo e Os universalistas

Exposições em Paris

Em abril abrem ao público na capital francesa duas exposições que projetam internacionalmente a cultura portuguesa moderna e contemporânea, e que são coorganizadas pela delegação em França da Fundação Gulbenkian: Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), no Grand Palais, e Les Universalistes. 50 ans d'Architecture Portugaise, na Cité de l'Architecture et du Patrimoine.



AMADEO DE SOUZA CARDOSO, OS GALGOS (1911). COLEÇÃO DO CAM.

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918)

“O segredo mais bem guardado da arte moderna”, disse sobre Amadeo de Souza-Cardoso o historiador de arte norte-americano Robert Loescher, no ano 2000. Esse ‘segredo’, que foi uma das figuras mais originais da vanguarda parisiense até ao início da 1ª Grande Guerra e que acabaria por morrer aos 30 anos no país que o viu nascer – Portugal –, vai ser agora revelado ao grande público numa exposição em Paris que reúne 300 obras. Serão apresentadas nesta mostra pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, uma escultura e duas máscaras africanas, obras de Amadeo, mas também de alguns artistas de quem Amadeo foi muito próximo: Brancusi, Modigliani, Robert e Sonia Delaunay.

Amadeo de Souza-Cardoso teve uma vida breve mas intensa, em que se distinguem dois períodos assinalados no percurso desta exposição: o período de Paris (1906-1914) e o seu regresso à aldeia de Manhufe, no Norte de Portugal (1914-1918), onde viria a morrer levado pela epidemia de pneumónica. Com curadoria de Helena de Freitas, a partir do dia 20 de

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO (1887-1918)

Autoria e Curadoria: Helena de Freitas

Grand Palais, Paris
20 abril – 18 julho

abril Amadeo de Souza-Cardoso volta ao Grand Palais, onde em 1912 já tinha exposto a sua obra *Avant la Corrida*, que viajaria depois até à célebre exposição do Armory Show em Nova Iorque, em 1913. Esta será uma oportunidade imperdível para resgatar do esquecimento um dos mais importantes artistas portugueses do século XX.

50 anos de arquitetura portuguesa

Uma semana antes da abertura da exposição de Amadeo de Souza-Cardoso, a arquitetura portuguesa também ocupará um lugar de destaque em Paris numa exposição na Cité de l'Architecture, que abre ao público a 13 de abril. Com curadoria de Nuno Grande, esta exposição propõe um olhar sobre meio século de pensamento e produção arquitetónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitetos de referência como Fernando Távora, Alberto Pessoa, Manuel Tainha, Pancho Guedes, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Álvaro Siza Vieira, Alcino Soutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luis Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias, e também de alguns dos mais prometedores arquitetos portugueses das últimas décadas, como Manuel e Francisco Aires Mateus, Paulo David, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos.

Convidando a uma descoberta interdisciplinar, esta mostra estabelece relações com a filosofia, a literatura, as artes plásticas e até o cinema, para ilustrar a existência de um "universalismo" particular, latente na forma como os melhores arquitetos portugueses, de várias gerações, criaram as suas obras.

Equilibrando o legado universal da história da arquitetura com os constrangimentos geográficos e culturais dos lugares onde se propuseram construir as suas obras, estes arquitetos fizeram uma fusão coerente e crítica entre aquilo a que hoje chamamos o "global" e o "local" – um universalismo que resulta de um contacto contínuo com uma geografia e uma cultura do "outro", baseado nas viagens, na colonização, na diáspora ou na emigração, fenómenos marcantes da história de Portugal.

LES UNIVERSALISTES. 50 ANS D'ARCHITECTURE PORTUGAISE

Autoria e Curadoria: Nuno Grande

Cité de l'Architecture et du Patrimoine, Paris
13 abril – 29 agosto



"TEATRO AZUL", TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA, PORTUGAL (1998-2005) PROJETO DE MANUEL GRAÇA DIAS, EGAS JOSÉ VIEIRA + GONÇALO AFONSO DIAS. FONTE: ATELIER CONTEMPORÂNEA.
© FERNANDO GUERRA

35 Artistas

No limiar da década de 1970, quer as principais galerias de arte inauguradas ao longo da década anterior, quer as poucas instituições que vinham desempenhando um papel interventivo na vida artística e cultural da época, como a Sociedade Nacional de Belas-Artes, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Cooperativa Árvore e o Círculo de Artes Plásticas, estavam sediadas em Lisboa, no Porto e em Coimbra. A inauguração da Galeria Ogiva, em novembro de 1970, em Óbidos, constituiu, portanto, um acontecimento que contrariou essa realidade. Criada numa pequena vila histórica da zona oeste, na sua origem esteve uma antiga mercearia que o escultor José Aurélio (n. 1938) e sua mulher transformaram em 1966 numa loja que vendia peças de artesanato recolhidas nas suas viagens, assim como múltiplos de arte criados por artistas jovens, com quem tinham cumplicidades afetivas, como Espiga Pinto, Helena Almeida, António Areal, Rogério Ribeiro e Fernando Conduto, entre outros. E assim, muitos dos que visitavam Óbidos faziam-no não pelo seu castelo medieval, mas sim por causa da arte contemporânea que, graças a José Aurélio, saiu do circuito das maiores cidades do país.

Entre 1970 e janeiro de 1974, a Galeria Ogiva constituiu-se como um espaço expositivo alternativo, fora da lógica comercial do mercado da arte nacional, que conheceu um incremento significativo a partir de 1968, devido à liberalização económica que se seguiu ao afastamento de Salazar na chefia do governo. Para os artistas que expuseram os seus trabalhos e que ao longo desses anos com ela colaboraram, a Ogiva era – segundo os depoimentos recolhidos por Catarina Rosendo – “lugar de encontro”, “projeto utópico”, “espaço de afetos”, porque lá “era possível desenvolver projetos que se sabia à partida não serem vendáveis” e porque na Ogiva não se deixava de expor obras por causa de escala, de formatos ou de linguagens mais arrojadas e menos convencionais*.

A grande abertura das novas instalações da galeria – “540 m2 de pavimento e 400 m2 de paredes” distribuídos por três pisos – aconteceu em novembro de 1970, com uma exposição que reuniu trabalhos de 35 artistas: Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, António Sena, Armando Alves, Artur Rosa, (José) Aurélio, Carlos Calvet, Charrua, Fernando Conduto, Costa Pinheiro, Eduardo Luís, Eduardo Nery, José Escada, Espiga Pinto, Helena Almeida, João Abel Manta, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Joaquim Vieira, Jorge Martins, Jorge Pinheiro, José J. Rodrigues, Lourdes Castro, Manuel Baptista, Maria Velez, Menez, Noronha da Costa, Nuno de Siqueira, Palolo, René Bertholo, Rogério Ribeiro, Sá Nogueira, Vespeira e Zulmiro. Esta exposição que marcou o início da atividade da Ogiva foi importante também por expor o trabalho de grande parte dos artistas que marcaram a produção artística em Portugal na segunda metade do século XX, companheiros não só de geração, mas também de agitação criativa e de rebeldia contra o ensino artístico conservador e retrógrado das escolas nacionais, que levou alguns deles a partir para Paris, Londres e Munique.

Para além das memórias dos que nelas participaram, ficaram ainda os folhetos, cartazes e catálogos que a Ogiva produziu – financiados por si ou pelos próprios artistas – para cada atividade que realizou. Como o catálogo da exposição inaugural, que é um dos escassos catálogos “de artista” criados entre nós naquela época. Concebido e organizado por Espiga Pinto (1940-2014), tem a forma de triângulo, com a capa e contracapa em cartão e com folhas de papel de qualidades diferentes; as primeiras páginas têm pequenos textos de Alberto Carneiro, António Charrua, Costa Pinheiro, Noronha da Costa e Marcelino Vespeira; cada artista tem uma fotografia/retrato, uma pequena nota biográfica e reprodução – a p&b – de alguns dos seus trabalhos. **Ana Barata**

*Catálogo disponível para consulta na Biblioteca de Arte



TÍTULO / RESP: 35 artistas
PUBLICAÇÃO: [Óbidos] : Galeria Ogiva, 1970
DESCR. FÍSICA: [214.] p. : il. ; 39 x 29 x 29 cm
NOTAS: Catálogo de artista publicado por ocasião da exposição organizada e patente na Galeria Ogiva, Óbidos (Portugal), em nov. de 1970. Contém dados biográficos e lista de exposições dos artistas. Catálogo de artista em formato de triângulo, concebido e organizado por Espiga Pinto
COTA(S): LA 325

* ROSENDO, Catarina – “Ogiva Galeria de Arte, 1970-1974: o risco de sair da norma”. *L+Arte*. Lisboa. N.º64 (out. 2009); p. 58-62.

Play

Uma fantasia em drama

Play é o título da mais recente obra da jovem compositora e maestrina britânica Jamie Man, encomendada pela Fundação Gulbenkian e que será apresentada em estreia mundial no Grande Auditório, a 10 e 11 de março.

A encomenda desta peça a Jamie Man surgiu depois da sua participação num *workshop* promovido pela ENOA, uma rede de cooperação europeia no campo da formação musical, com especial foco na ópera, que a Gulbenkian Música integra desde 2011. Esta rede, apoiada pelo Programa Cultura da Comissão Europeia e coordenada pelo Festival d'Aix-en-Provence, apoia jovens artistas, estimulando a criatividade e encorajando novas produções, promovendo, ao mesmo tempo, a sua circulação entre as 11 instituições que a compõem.

Nesse *workshop*, que juntou vários jovens talentos vindos de todo o mundo na Fundação Gulbenkian, Jamie Man surpreendeu pela qualidade da peça que compôs, intitulada *White Lies*. O convite para produzir uma obra sinfónica no âmbito da Gulbenkian Música surgiu pouco tempo depois e é essa composição – *Play* – que será agora tocada no Grande Auditório.

Jamie Man acabou por incorporar *White Lies* num dos andamentos da nova peça, que será interpretada pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro finlandês Hannu Lintu, com a participação da soprano Inês Simões e do barítono Jussi Lehtipuu. Na linha do trabalho desenvolvido e incentivado pela rede ENOA, a obra será apresentada com uma vertente cénica a cargo da finlandesa Kristiina Helin. A segunda parte deste programa é preenchida pela versão integral da orquestração de Maurice Ravel para o bailado *Daphnis e Chloé*, estreado em 1912 pelos Ballets Russes.

Jamie Man iniciou os seus estudos de composição em Birmingham, prosseguindo-os em Londres e Amesterdão. Os vários cursos que frequentou, como os da Royal Opera House (VOX composing for voices) ou L'Atelier Opéra en Création, do Festival d'Aix-en-Provence, entre outros, ajudaram a moldar a sua personalidade artística no domínio da composição e direção de orquestra, que se foi revelando em vários momentos, como no Festival de Aldeburgh, com o pianista Pierre-Laurent Aimard e o violoncelista Jean-Guihen Queyras, no Yellow Lounge e no The Arcola Theatre, em Londres, ou no De Nationale Opera & Ballet, em Amsterdão. Entre as suas criações mais recentes, destacam-se *No Devil Lived*, interpretada pelo The Mahogany Opera Group, *Body Language* (LOD Muziektheater/Silbersee) e *ANNA*, apresentado no Festival Aix-en-Provence (Opera Creation 2014).

Nesta breve entrevista, a compositora fala da sua relação com a música, da liberdade dos artistas e da fantasia em drama que vem apresentar em estreia mundial.



JAMIE MAN © ROB BRIMSON

Que peça é esta que vamos ouvir no Grande Auditório?

A música é a linguagem dos sonhadores. Como artistas, somos privilegiados no sentido em que podemos trabalhar sem estarmos condicionados por uma agenda social e política. Temos uma liberdade que nos permite interpretar e questionar o que nos rodeia com um maior grau de objetividade e poesia, abrindo espaço para um pensamento criativo muitas vezes ausente das nossas vidas quotidianas.

A peça *Play* é uma fantasia em drama envolvendo uma criança que questiona porque é que tantas vezes nos condenamos pelos nossos sonhos mais íntimos e aceitamos a narrativa do “certo” e do “errado” que nos é inculcada. A peça aborda questões como a culpa moral e religiosa, o BDSM [sigla que define um grupo de padrões do comportamento sexual humano] e a importância de envolver crianças e adultos num jogo criativo.

A sua peça será tocada numa versão encenada. Imagina sempre uma dimensão cénica quando compõe?

Sim, mesmo quando aquilo que imagino no processo de escrita não corresponda à realização final no palco. É a única maneira que conheço de escrever música. Adoro pessoas e preciso delas para os meus sonhos, especialmente quando estou a compor só, no meu estúdio. Kristiina Helin [a encenadora da peça] é uma pessoa incrível que conseguiu transportar a

peça até a um lugar muito para além do que eu poderia imaginar sozinha.

Quando é que a música se tornou uma paixão?

Não me lembro de um momento preciso na minha vida em que a música se tenha tornado uma paixão. O que sei é que agora, sempre que me sinto triste ou quando a vida se torna impossível, encontro na música uma enorme amiga que tem sempre algo de muito revelador e de especial para me dizer.

Que momentos especiais tem vivido com a música?

O dia a dia de cada um é sempre uma experiência especial, só que estamos demasiadamente ocupados para reparar nela. Como compositora, tive momentos marcantes, como as aulas com Richard Ayres [compositor britânico a lecionar na Holanda], que me deu coragem numa altura em que precisava mesmo dela. Como maestrina, destaco o momento em que dirigi a peça *Oiseaux Exotique* de Olivier Messiaen com o pianista Pierre-Laurent Aimard. Era muito jovem e ele, um reputado pianista de extraordinário talento artístico [em particular no repertório de Messiaen], foi incrivelmente bondoso comigo. Dirigir Messiaen é como comprar um bilhete de ida para uma viagem transcendental. Nunca mais voltamos a ser os mesmos.
musica.gulbenkian.pt

Para os mais novos (e não só)

Dia das abelhas

A assinalar a chegada da primavera, o dia 19 de março traz atividades educativas que exploram o espantoso mundo das abelhas e toda a sua geometria, organização, cooperação, culinária, arquitetura e generosidade.



© GONÇALO BARRIGA

Há um ser que é capaz de condensar uma paisagem inteira num néctar delicioso. É um dos mais pequenos e ao mesmo tempo o “maior” ser vivo para a agricultura, sustentando os ciclos reprodutivos de muitas espécies de plantas. Há muito para aprender com este animal espantoso. Por isso, no **Dia das abelhas**, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência apresenta uma programação inteiramente dedicada a este inseto, com oficinas, visitas, conversas e cinema.

O dia começa com atividades dirigidas aos mais novos e às famílias, como a oficina **O Grande Favo**, em que, ao longo de várias sessões, tal como as abelhas, todos os participantes vão poder construir em conjunto um grande favo que vai sendo ocupado por estes insetos polinizadores [10h30, 11h30, 14h30 e 15h30, 6 a 10 anos].

A partir da exposição *As Casas na Coleção do CAM*, a equipa de **Enxames irrequietos e luminosos** conduz uma visita em grupo ao Centro de Arte Moderna, a qual será registada de formas diferentes – traços, rabiscos, palavras, sons. É um percurso para capturar a luz e o movimento, elementos essenciais para o equilíbrio do mundo [10h30 e 11h30, 5 a 8 anos].

De regresso ao Jardim, **Muito mais do que o mel** proporciona uma viagem ao mundo das abelhas para perceber a sua importância na sustentabilidade da vida no nosso planeta. Uma visita para conhecer os tipos de abelhas, o ciclo de vida da abelha e a sua organização, a relação entre o homem e a abelha e os produtos da colmeia. [10h30, 14h30 e 16h30, +4 anos]

Na oficina **Hotéis para abelhas e outros polinizadores**, vão-se construir verdadeiros hotéis para polinizadores e espalhá-los por onde haja flores. Desta forma, incentiva-se a mistura de pólenes de várias plantas que assim vão conseguir produzir frutos [11h00, 12h00, 14h30 e 15h30, 6 a 12 anos].

As histórias são outro modo de compreender melhor a natureza, por isso, em **Contos nos jardins e jardins nos contos**, Luís Carmelo e António Fontinha, da Associação Ouvir e Contar, contam histórias com mel, zumbidos, asas, flores e muito pólen, para conhecer melhor o mundo que nos rodeia [11h00, 14h30 e 16h00, +4 anos].

Como dia 19 de março também é Dia do Pai, pais e filhos são convidados a comemorarem o dia no Museu num **Peddy-paper** cheio de desafios. É um jogo de pistas, uma viagem pela História através dos mistérios da arte, para fazer e partilhar com toda a família. [11h00, +5 anos]

Para os mais velhos, há **Anthophila para a linha. Abelha para a cor**, uma oficina de diário gráfico orientada por Mário Linhares e na qual se vai aprender a desenhar, em grande escala e com rigor, pequenos animais como a abelha. Os participantes terão que vir munidos de lápis, canetas pretas médias e grossas, pincéis para colorir e guaches [14h00, +16 anos].

A deusa Flora protegia a reprodução das flores e a fertilização dos campos agrícolas. Por sua vez, o deus Zéfiro era o deus do vento do Oeste. O mito conta que, quando se casaram, decidiram oferecer o mel aos humanos. Para os romanos, esta deusa era de tal forma importante que a chegada da primavera era celebrada em sua honra durante cinco dias. No Museu Gulbenkian, a oficina **Mel: um presente da deusa Flora** oferece mais conhecimento sobre estes mitos e uma celebração da chegada da primavera [14h30, +4 anos].

Em **Vamos falar de abelhas!**, o jardineiro e criador de abelhas Nicolau da Costa elucida-nos sobre a história das abelhas e as diferentes espécies que existem: das abelhas melíferas às abelhas solitárias, a sua ecologia e o papel que desempenham na polinização, a produção de mel, a relação com o homem e os problemas que enfrentam atualmente – uma conversa para todos os que gostam de mel, flores ou fruta [16h30, +12 anos].

No final da tarde é exibido **Rainha do Sol, o que é que as abelhas nos estão a dizer?**, um filme premiado sobre o atual desaparecimento em massa de abelhas e as suas colmeias, devido ao *colony collapse disorder*, um fenómeno ainda sem explicação consensual. Este documentário envolvente conta a história incomum e dramática das lutas travadas por apicultores, cientistas e filósofos de todo o mundo [17h30, todas as idades].
descobrir.gulbenkian.pt



Hein Semke

*“Vivo, não sou artista nem sou poeta,
sou sonhador e tudo o mais também”*

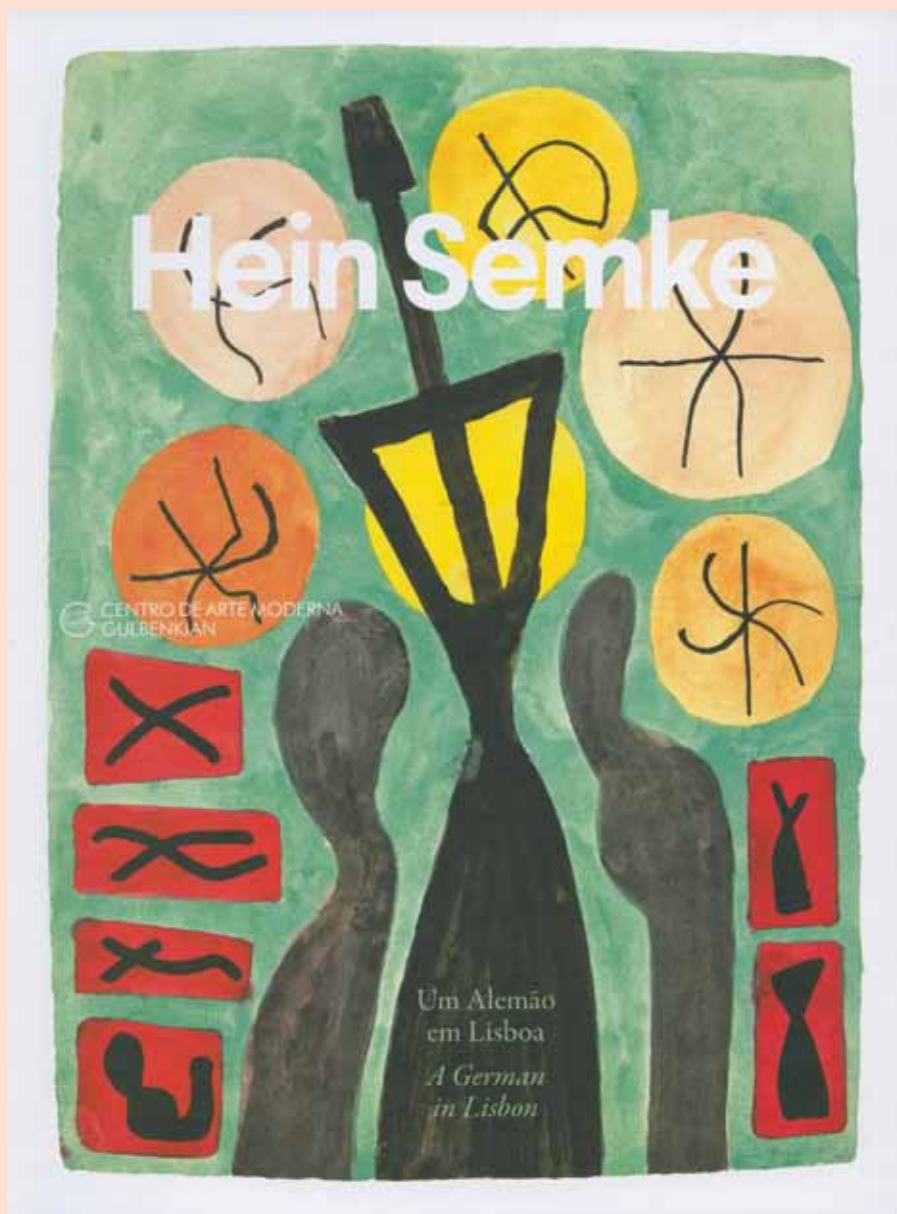


FORMENOR DE PARLAMENTO (TRÍPTICO) (1981), HEIN SEMKE

“O Mestre dos Cabelos de Prata” é o título do texto de abertura do catálogo produzido para acompanhar a exposição *Hein Semke. Um Alemão em Lisboa* que o CAM apresenta até ao dia 13 de junho. Da autoria da curadora da exposição, Ana Vasconcelos, esse texto introduz-nos à vida e à obra deste artista nascido em Hamburgo em 1899 e que viveu em Portugal longos anos, desde 1932 até à data da sua morte em 1995. Reunindo cerca de duas centenas de obras – escolhidas entre as cerca de mil doadas ao CAM e à Biblioteca de Arte, a que se juntam algumas obras pertencentes a coleções particulares e públicas –, esta exposição dá a ver os aspetos marcantes e menos conhecidos da sua produção artística.

Semke foi um artista praticamente autodidata, que desenvolveu uma intensa atividade artística que abarcou várias linguagens: escultura, gravura, pintura e colagens, tendo realizado mais de três dezenas de livros de artista entre 1958 e 1986. Vinte anos após a sua morte, este catálogo oferece, de um modo aprofundado, uma reflexão sobre as várias expressões da sua obra.

Nina Blum de Almeida, investigadora doutoranda na Jacobs University Bremen, na Alemanha, onde prepara uma tese sobre Hein Semke, dedica um capítulo à sua biografia. O título do seu texto cita uma afirmação do próprio artista: “Vivo, não sou artista nem sou



poeta, sou sonhador e tudo o mais também”, desvendando muitos aspetos importantes para uma melhor compreensão da sua obra. Já Isabel M. Czerwionka Lopes Cardoso, historiadora de arte e investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, assina um ensaio intitulado “Um alemão em Lisboa”. Nele, propõe um exercício de aproximações entre a obra e o espólio documental do artista: livros, correspondência, fotografias e documentos pessoais.

Um último texto da autoria de Patrícia Nóbrega, investigadora da Rede de Investigação em Azulejo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reflete sobre a importância da cerâmica no contexto da obra de Hein Semke, a partir do trabalho que realizou no processo de inventariação de parte do espólio do artista doado ao CAM. Completam este catálogo a lista completa e a reprodução de todas as obras expostas.

Antigo quadro geral elétrico da Fundação Calouste Gulbenkian, hoje apenas conservado como memória do edifício Sede, inaugurado em 1969. Este quadro alimentava todos os espaços da Sede e Museu Calouste Gulbenkian, incluindo o Grande Auditório.

Fotografia de Tiago Figueiredo



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa
www.gulbenkian.pt